

FIGURAÇÃO DO ÍNDIO NA OBRA *IRACEMA* E N'AS *CRÔNICAS DE PINDORAMA: PINAR E O DESPERTAR DA ESCURIDÃO*

Débora de Lima Nunes¹

Núbia Maria da Silva Nascimento²

Dr. Johniere Alves Ribeiro³

RESUMO

Tendo em vista que a Literatura Comparada é o estudo da literatura que põe em xeque as relações entre a literatura e diferentes áreas do conhecimento, não sendo considerada como o simples ato de comparar, mas sim, como uma comparação no sentido de um recurso preferencial no estudo crítico de determinada obra, este trabalho apresenta uma análise comparativa entre duas obras, uma intitulada de *Iracema* do autor José de Alencar, grande representante do romantismo no Brasil e a segunda chamada *As crônicas de Pindorama: Piná o despertar da escuridão*, escrita por Rafael Buarque Montenegro. Com isso, temos o seguinte objetivo: apresentar a figura do índio retratado nas duas obras, destacando as principais diferenças encontradas entre o índio do romantismo e o índio em uma abordagem contemporânea. Para tanto, nos basearemos em trabalhos de autores como Pianheri (2010), Carvalhal (1991), Brandino (2020), Alencar (1959) e Montenegro (2015) que contribuirão de maneira essencial para a realização dessa pesquisa de natureza qualitativa, pois buscamos estudar as particularidades de cada obra e as características de cada autor, sendo caracterizada como bibliográfica. Em suma, essa pesquisa contribuirá para endossar os estudos desenvolvidos a partir da Literatura Comparada, e pode interessar estudantes de letras Português, professores da escola básica ou qualquer um interessado na temática discutida.

PALAVRAS CHAVE: Literatura comparada; Figura do índio; Análise de obras literárias.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da Literatura Comparada mostram que esse é um campo de investigação bastante denso e amplo, que realiza investigações variadas, utilizando diferentes metodologias e possuindo objetos de estudo bastante diversificados. Entre as funções da Literatura Comparada, está a comparação de obras de autores distintos que abordam uma mesma temática, mas que apresentam diferentes características e pontos de vistas de acordo com os seus objetivos.

Diante dessa perspectiva, esse trabalho apresenta uma análise comparativa entre duas obras, uma intitulada *Iracema* do autor José de Alencar, grande representante do Romantismo no Brasil e a

¹ Graduanda do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba - (UEPB), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), deboradelimanunes@gmail.com;

² Graduanda do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba - (UEPB), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), nubiamaria036@gmail.com;

³ Professor orientador: professor da UEPB-Campus VI, Doutor em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Mestre em Literatura e Interculturalidade- UEPB, possui graduação em Licenciatura Plena em Letras- UEPB, johniere81@servidor.uepb.edu.br.

segunda chamada *As crônicas de Pindorama: Piná o despertar da escuridão*, escrita por Rafael Buarque Montenegro, que apresenta características da nossa ficção contemporânea. As duas obras abordam a figura do índio no período da colonização no Brasil, apresentando características singulares do seu contexto histórico de produção.

Dessa forma, através da temática exposta anteriormente, obtivemos a seguinte questão problema que irá reger nosso trabalho: Que nuances podemos destacar na representação do índio e religiosidade encontradas nas obras que foram escolhidas para a análise comparativa, mesmo que escritas em contextos históricos distintos? Para responder essa questão, desenvolvemos o seguinte objetivo: apresentar a figura do índio retratado nas duas obras, destacando as principais diferenças encontradas entre o índio do Romantismo e o índio em uma abordagem contemporânea. Para tanto, nos basearemos em trabalhos de autores como Pianheri (2010), Carvalho (1991), Brandino (2020), Alencar (1959) e Montenegro (2015) que contribuirão de maneira essencial para a realização dessa pesquisa de natureza qualitativa, pois buscamos estudar as particularidades de cada obra e as características de cada autor, sendo caracterizada como bibliográfica, pois utilizamos obras literárias e fizemos a consulta em materiais teóricos que contribuíram para a fundamentação de nosso tema, ocasionando o desenvolvimento de nossos objetivos.

Em suma, essa pesquisa contribuirá para endossar os estudos desenvolvidos a partir da Literatura Comparada, e pode interessar estudantes de letras Português, professores da escola básica ou qualquer um interessado na temática discutida, pois é retratado no trabalho que a Escola Literária e o contexto histórico, seja qual for, em que uma obra foi escrita, assim como o autor que a escreve traz traços e características peculiares que se diferem ou se complementam ao retratar as mesmas temáticas.

2. LITERATURA COMPARADA: CONTEXTO HISTÓRICO E CONCEITO

A Literatura Comparada, segundo Pianheri (2010), surgiu na Europa no século XIX e estava vinculada à corrente de pensamento cosmopolita que influenciava a época. Dessa forma, nesse período, era utilizada por meio de comparação entre obras literárias renomadas, objetivando encontrar pontos semelhantes, mesmo elas sendo diferentes, esses estudos eram muito usuais nas ciências naturais e na lingüística e foi se espalhando entre os estudiosos de diversas nacionalidades. Em meados do século XX chegou à França, onde teve um maior desenvolvimento e, até alcançar os dias de hoje.

Além disso, segundo Carvalhal (1991), a Literatura Comparada chegou à América Latina a partir da influência dos estudos comparativos Franceses e depois dos norte-americanos. Ao decorrer desse tempo, deixa de exercer a função "internacionalista" para se tornar em uma disciplina que põe a possibilidade de atuar entre várias áreas: artes, filosofia, psicologia, cinema, teatro, entre outros, não mais restrita as literaturas consagradas pelo cânone Ocidental, que tratava restritamente com os conceitos de nação, idioma e literariedade.

Portanto, a Literatura Comparada é o estudo da literatura que põe em xeque as relações entre a literatura e diferentes áreas do conhecimento, a partir desse procedimento, apresenta elementos de aproximação e de distanciamento, sejam eles: culturais, estéticos, históricos, etc. Sendo assim, o estudo comparado permite atuar simultaneamente em mais de uma área, não se voltando somente para as investigações inter/literárias, mas também irá “privilegiar confrontos que digam mais sobre os procedimentos textuais.” (CARVALHAL, 1991, p. 12-13).

Em suma, a Literatura Comparada, segundo Pianheri (2010), não é considerada como o simples ato de comparar, mas sim, como uma comparação no sentido de um recurso preferencial no estudo crítico de determinada obra, tornando-se um ponto fundamental na análise, sendo um método, o qual é usado para comparar, não pelo procedimento em si, mas, como recurso analítico e interpretativo, assim, a comparação possibilita uma exploração adequada de seus campos de trabalho para alcance dos objetivos delineados.

3. ANÁLISE COMPARATIVA

Tendo em vista tudo o que foi posto sobre Literatura Comparada, iremos, a partir desse momento, trazer uma análise comparativa entre o livro *Iracema*, de José de Alencar, escrito no período do Romantismo brasileiro, e o livro *As Crônicas de Pindorama: Pinar e o despertar da escuridão*, de Rafael Montenegro, obra contemporânea. Almejamos com essa comparação observar a figura do índio retratada nessas obras. Antes disso, vamos fazer, de maneira breve, uma explanação das principais características da Escola Literária do Romantismo e das obras publicadas na contemporaneidade, para depois, expormos a análise das obras supracitadas, as quais serão comparadas entre si, levando em consideração o contexto histórico em que foram escritas.

3.1 Características da Literatura Romântica e Contemporânea

Segundo Luiza Brandino (2020), a vinda da família real para o Brasil trouxe grandes transformações para o país, como criação da imprensa brasileira, construção do Museu Nacional, fundação do Banco do Brasil, entre outras coisas que possibilitaram um desenvolvimento e a criação de um ensino técnico e científico atendendo à nova configuração urbana. Assim, com a independência em 1822, o sentimento nacionalista cresceu entre os intelectuais, os quais viram a necessidade de criar uma literatura que retratasse o povo brasileiro.

Nessa perspectiva, Segundo Luiza Brandino (2020), surge o Romantismo no Brasil durante o século XVIII, isto é, movimento artístico que representa a burguesia, que construiu a nova elite da sociedade. Esse movimento literário em suas obras apresentou características próprias, como: o nacionalismo, fuga da realidade, subjetividade, valorização do “eu”, idealização da mulher e do amor platônico, culto ao índio que passa a ser tido como um herói, sentimentalismo exagerado, retorno ao passado, sentimento de religiosidade cristão, entre outros. Esses aspectos contribuíram para a formação da identidade cultural do Brasil.

Em relação à literatura contemporânea, segundo Cavalcanti (2017), ela começa a ter obras do final do século XX e estar presente até os dias de hoje, século XXI, se caracterizando por uma grande quantidade de tendências estéticas com textos voltados a metalinguagem e a intertextualidade, obras reduzidas – minicontos, mini crônicas -, experimentalismo formal, temas cotidianos e regionalistas, produção de contos e crônicas - caracterizado pela brevidade, leveza, simplicidade e sutileza de sensibilidade com o fato que vai narrar, entre outros. Portanto, podemos expor que a literatura contemporânea brasileira reflete os acontecimentos do momento: o desenvolvimento industrial/tecnológico acentuado e a crise nos meios políticos e sociais.

Diante dessas características, da literatura romântica e da contemporânea, enfatizamos que identificamos na obra de *Iracema* sobre nacionalismo, fuga da realidade, idealização da mulher e do amor platônico, sentimentalismo exagerado, retorno ao passado, sentimento de religiosidade cristão e culto ao índio. Já no livro *Crônicas de Pindorama*, vamos identificar temas regionalistas, indígena, que envolve espiritualidade e produção que se caracteriza pela brevidade, leveza e simplicidade com o fato que vai narrar.

Dessa forma, diante dessas duas obras, iremos discorrer com mais precisão sobre culto ao índio e a religiosidade. Importante esclarecer que todas essas características serão comprovadas com fragmentos dos livros à medida que formos fazendo a análise.

3.2 Religiosidade

O romance *Iracema* de José de Alencar inicia quando um guerreiro branco chamado Martim, responsável por defender o território brasileiro de outros invasores europeus, acaba se perdendo na mata e chegando até o lugar onde Iracema está descansando entre às árvores. Iracema é uma bela índia tabajara que ao ver Martim se assusta e lança sua flecha em direção ao homem branco. Por ter sido atacado por uma mulher, Martim não tem reação nenhuma e Iracema percebendo que ele não tem nenhuma má intenção, corre para ajudá-lo.

A jovem índia leva Martim para sua aldeia e lá apresenta-o a seu pai, Araquém, o pajé da tribo. Durante o tempo que Martim está na aldeia, ele se aproxima de Iracema e nasce uma forte atração entre eles, porém, Iracema não é uma índia qualquer, ela é uma virgem consagrada a Tupã: “É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã.” (ALENCAR, 1959, p. 4). Entre batalhas e festejos com outras tribos, incluindo a dos potiguaras, aliados de Martim, Iracema oferece ao guerreiro um pouco do licor sagrado da jurema, como forma de seduzi-lo e ele alucina que teve relações sexuais com Iracema, porém, não foi apenas um sonho, ao acordar do efeito da bebida alucinógena, Iracema confessa que eles tiveram uma noite de amor e ela precisa fugir com ele, pois, a perda da sua virgindade significa condenação à morte.

A partir disso, eles começam a ser perseguidos durante a fuga. Junto com eles, também fugiu Poti, um índio potiguara, a quem Martim tratava como um irmão. A aliança entre o guerreiro branco e a tribo pitiguara fortaleceu mais ainda a raiva dos tabajaras e eles iniciam a perseguição liderado por Irapuã, o índio apaixonado por Iracema e Caiubi, o irmão da índia. Durante a perseguição, os tabajaras encontram a tribo pitiguara e inicia-se uma grande batalha, prevendo a derrota os tabajaras batem em retirada.

O casal, Iracema e Martim, refugiaram em uma praia deserta, lá o guerreiro branco constrói uma cabana. Pouco tempo depois, Iracema descobre que está grávida, mas como Martim precisa partir para defender, junto com Poti, a tribo pitiguara que está sob ataque, Iracema dá à luz sozinha e batiza o filho pelo nome de Moacir, que significa aquele que nasceu do seu sofrimento. Muito abatida pelo parto, pela tristeza profunda e fome, o leite da jovem índia seca. Martim chega a tempo de pegar a criança de Iracema, e, em seguida, ela falece.

Através da história de José de Alencar são notórias algumas particularidades, entre elas a religiosidade presente na narrativa. No romance, é possível perceber as características da religião cristã a partir da presença de Martim, o branco português. Por meio de Iracema percebemos a

espiritualidade nativa, pois era a escolhida por Tupã para guardar o segredo da jurema. Ela é uma espécie de sacerdotisa da sua tribo e por esse motivo não podia se relacionar com nenhum homem, mesmo que ele fizesse parte de sua tribo. Entretanto, ao se apaixonar e perder sua virgindade com Martim, ela abandona sua tribo e suas crenças para fugir com ele e viver esse amor. Na obra, uma das maneiras que o autor se refere a Martim é como “guerreiro cristão” que expressa sua marca religiosa e a palavra cristão atribui ao jovem qualidades morais que convém a imagem dos seguidores de Cristo, qualidades como: nobre, respeitoso, honesto e fiel.

Na narrativa o autor mostra essa evasão da religião tupi sempre que menciona a religião trazida por Martim para o Brasil, através de suas palavras, pensamentos e ações, como nesse trecho: "O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe..." (ALENCAR, 1959, p. 6). Aqui nota-se que tudo o que Martim faz e acredita é baseado na religião ensinada por sua mãe, o cristianismo. Em outro trecho pode-se perceber as qualidades do moço ao defender a honra da índia Iracema, característica própria do cavaleiro medieval e também dos ensinamentos de sua religião: "O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rastro da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver; e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus: - Cristo! ... Cristo! ..." (ALENCAR, 1959, p. 32).

E por fim, ao final do romance, com a morte de Iracema, Martim volta a sua terra natal com seu filho, mas promete voltar ao Brasil e com sua volta se institui o cristianismo nas terras brasileiras e inicia-se a catequização dos índios, como mostra o trecho:

Muitos guerreiros de sua raça acompanhavam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a Cruz na terra selvagem. Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco; por isso quis que tivessem ambos um só deus, como tinham um só coração". Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia ... (ALENCAR, 1959, p. 72).

Portanto, José de Alencar, em sua obra, *Iracema*, apresenta a evasão da religião tupi para o cristianismo, por meio do branco português nas terras brasileiras, deixando claro a influência do europeu para a instituição da nova religião para os indígenas. A religiosidade é uma característica do Romantismo, em meio a incertezas e angústias vividas pelos personagens, o autor busca essa valorização do espiritual, com o intuito de buscar algo parecido com o perfeito. Em *Iracema*, Alencar apresenta essa religiosidade ao mostrar a figura do branco português como um homem com qualidades, dando foco a instituição da religião cristã como o novo, visto que Martim foi o primeiro colonizador português no Ceará e com sua vinda, originou-se um novo lugar, uma nova crença e um novo povo.

O livro *As Crônicas de Pindorama: Piná e o despertar da escuridão*, Rafael Montenegro traz uma história que aborda a chegada de uma família portuguesa ao Brasil, mais precisamente no estado da Paraíba, no ano de 1590. A protagonista da narrativa é uma menina de 12 anos chamada Annabel Dias. Logo na primeira noite em terras brasileiras, a menina começa a ter pesadelos com um ser misterioso, ela sente a presença intensa da criatura e não sabe dizer ao certo se o episódio foi apenas um pesadelo ou se de fato aconteceu de verdade.

Annabel conhece o jovem Taci, um garoto índio de 14 anos, que a explica sobre Jurupari o deus do pesadelo ou deus da escuridão, que provavelmente foi o que a visitou em sonho e também sobre os demais deuses que Taci e sua cultura indígena acredita. Diante dos fatos estranhos que vem acontecendo na vida de Annabel, ela começa a se questionar sobre a existência dos deuses e qual seria a relação que eles possuem com ela, a menina que foi ensinada de acordo com os ensinamentos da religião cristã agora não sabe ao certo se a crença de seus pais é a única verdadeira.

Após se mudar para uma fazenda no engenho, ver seus pais e quase todos os empregados serem mortos por criaturas em forma de sombras negras, que se caracterizavam como seres de outro mundo, Annabel, seu irmão de apenas 5 anos, o amigo Taci, o amigo Uke, o capataz da fazenda e Raquel, que era empregada e babá de sua família, fogem pela floresta em busca de respostas e de ajuda para vencer o mal que desolou a fazenda e a cidade que antes moravam.

Nessa jornada, Annabel encontra dois índios exilados de sua tribo: UbiraniItacolomi, pajé de todos os tabajaras, e Iaci, índia guerreira e sobrinha de UbiraniItacolomi. Esses índios levaram Annabel e seus acompanhantes para a sua aldeia tabajara, mas, ao chegarem lá, o cacique Pirajibe não foi tão receptivo, pois, além de Annabel está com seus dois índios exilados ela se direciona a ele, ao pedir ajudar para derrotar as sobras demoníacas que eram comandadas por Jurupari, de maneira irreverente. Embora o cacique expressasse que não iria ajudar Annabel, ele deu aos visitantes um lugar para ficar, mas, durante a noite, a tribo foi atacada pelas sombras negras, que mataram quase todos, restando apenas Annabel, seu irmão, Uke, Taci, Iaci e o seu Capataz.

Annabel foge para a cidade em busca de ajuda para derrotar Jurupari, mas ao chegar lá, encontra pessoas mortas e a cidade devastada, fruto das ações malignas das sobras negras. No entanto, encontra na cidade Bento Cunha, capitão do galeão Santa Edwiges que era o navio português que trouxera sua família ao Brasil, e Fernão Fernandes, marinheiro gentil. Depois de muita conversa, Annabel recusa-se a voltar à Portugal e deixar Jurupari destruir todos os viventes daquela terra, mas seu Capataz voltar com Bento Cunha, enquanto isso, Fernão fica e se dispõe a ajudar Annabel no que precisasse.

Annabel continua em busca de ajuda e procura o Curupira, e foi a partir de seu encontro com ele que ela descobriu que era uma deusa encarnada, uma das filhas do grande deus Nhandervuçu, a deusa da bondade e da simpatia, irmã de Iara, Tupã, Curupira e o próprio Jurupari, que se revoltou e agora é um deus das trevas, o mesmo que atacou, junto com outras sobras malignas, a fazenda que ela morava com sua família. A menina também descobriu que a salvação da humanidade está em suas mãos e que ela precisava lutar para vencer o deus dos pesadelos. Com a ajuda do Curupira, Annabel elabora um plano que contava com a ajuda dos seus irmãos e com reforços para que possam assim derrotar Jurupari. É nesse contexto também que Annabel ganha seu primeiro beijo de Fernão e também beija Taci, o qual ela percebe ter um carinho maior.

Annabel com seus companheiros de viagem vão à Olinda, cidade que ainda existem sobreviventes, em busca de soldados para lutar contra o deus do pesadelo e seus serviçais. O que Annabel e seu exército não esperavam era que seriam traídos pelo Curupira e assim o plano de lutar contra Jurupari, tornou-se uma emboscada. Diante disso, Annabel viu seu exército e dois amigos serem mortos diante dos seus olhos. Ela, toda machucada e sem esperanças, desmaia e acorda dias depois em uma cabana, na floresta, sendo cuidada por um estranho homem que antes era o hospedeiro de Jurupari. A história termina em aberto, pois esse é o primeiro livro de uma provável trilogia.

Na obra contemporânea, *As crônicas de Pindorama: Piná o despertar da escuridão*, nota-se alguns aspectos da religiosidade que se diferem da narrativa de José de Alencar. O cristianismo já se encontrava instaurado em Filipeia, sede do governo na capitania da Paraíba, no Brasil, quando a família de Annabel chegou ao País, no ano de 1590. O trecho a seguir, mostra a família indo à missa no domingo, o que comprova a religião cristã como algo já instituído no local.

A pequena capela de Nossa Senhora das Neves estava lotada. Cem pessoas se aglomeravam nos bancos rústicos e nos corredores da igreja para assistir à missa, dirigida pelo bispo Altamir Monteluso com o auxílio dos padres Estevão Bernardes e Francisco. (MONTENEGRO, 2015,p. 37)

A partir disso, nota-se que a catequização dos índios já foi realizada, porém alguns indígenas ainda cultivavam sua fé em outros deuses e nas suas tradições, como é o caso do jovem índio Taci, amigo de Annabel. Como é possível notar no diálogo a seguir:

- Claro que sim! Não duvide dos deuses, senhorita.
- Conheço apenas um único Deus.
- Sim, é claro. Padre Estevão me falou de Deus, de Jesus, do Espírito Santo e da Virgem Maria. Ah e de todos os outros santos também. São santos demais para o meu gosto. Não me leve a mal, mas não acredito muito neles. (MONTENEGRO, 2015,p.95)

Nesse trecho, é perceptível que o índio continua a acreditar na religião do seu povo e mostra que a jovem menina portuguesa, acredita na religião ensinada pelos pais, o cristianismo. Entretanto,

com o passar da narrativa, pode-se observar que Annabel diante das experiências vividas, muda a sua concepção e passa a acreditar nas divindades que os índios pregam na religião Tupi, como mostra os trechos a seguir:

{...} – Senhor, não sei dizer o que são aquelas criaturas, mas sei que são lideradas por Jurupari, o deus dos pesadelos. (MONTENEGRO, 2015, p. 177)

{...} – Ao que parece, sou parte humana, parte deusa. E meu nome divino seria Piná, a deusa da simpatia e da bondade. (MONTENEGRO, 2015, P. 221)

Esses trechos mostram que Annabel, não acredita mais em apenas um Deus como foi ensinado a ela e, sim, em vários deuses, inclusive, ela mesma compreende que é uma deusa encarnada. A partir das experiências vividas pela protagonista da narrativa, ela começa a mudar suas concepções não apenas baseando-se na teoria, mas sim, mediante experiências surreais vividas por ela, como no trecho a seguir: “Se num instante ela estava estática na árvore, no segundo seguinte estava caminhando pelos galhos do Jacarandá, em direção à janela aberta. Mas era como se não fosse ela, Annabel, quem estivesse caminhando.” (MONTENEGRO, 2015, p. 54). Essas experiências foram de total relevância para que Annabel perceba-se que algo estava acontecendo e duvida da religião imposta a ela pelos pais.

Portanto, é notório a diferença da religiosidade presente na obra de Alencar e de Montenegro, deixando claro que enquanto em *Iracema*, o cristianismo ganha força, tomando o lugar da religião tupi, em *Pindorama*, a crença nos diversos deuses ganha enfoque principal, fazendo com que uma menina cristã questione e mude suas concepções acerca da existência de um único Deus e do cristianismo como religião verdadeira.

3.3 Diferenças entre os índios retratadas nas obras

Ao ler as obras: *As Crônicas de Pindorama e Iracema* percebemos a figura do índio tomando formas diferentes no momento de ser retratada pelos autores. Pois na obra de *Iracema*, tendo em vista o contexto de escrita supracitado, era comum os escritores idealizarem o índio, criando-o perfeito físico e psicologicamente, que possui todas as qualidades positivas, enquanto protagonista: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado” (ALENCAR, 1959, p. 5). Ademais, por meio desse trecho, percebemos a idealização de Iracema, digna de admiração pela majestade e sutileza que possui, retratando assim, uma das características do Romantismo europeu, ou seja, iremos ter a volta da idade média, tendo a representação de rainha, de castelo medieval, e o nosso índio vai ganhando essa

conotação de majestade. Assim, podemos apontar uma incoerência do romantismo brasileiro, pois não tivemos idade média, mesmo assim temos caracterizado na obra o índio com traços medievais. Podemos apontar que o índio foi vestido com uma roupa que não é sua, mas européia, entrando novamente em contradição, já que o romantismo brasileiro buscava uma literatura independente de Portugal.

Além disso, podemos ver na seguinte descrição o surrealismo dado a figura do índio: "Mas nação alguma jamais vibrou o arco certo, como a grande nação potiguara; e Poti é o maior chefe, de quantos chefes empunharam a inúbia guerreira." (ALENCAR, 1959, p. 65). Dessa forma, é visível que existe na obra de José de Alencar um eufemismo em relação à imagem do índio, caracterizando-o como herói forte, valente e guerreiro. Refletindo o contexto histórico que a obra foi escrita, que tinha a presença do sentimento nacionalista que cresceu entre os intelectuais, como José de Alencar, após a independência em 1822, os quais almejavam criar uma literatura que retratasse o povo brasileiro. Para isso, utilizaram características próprias, como o culto ao índio que passa a ser tido como um herói.

Assim, em *Iracema*, o índio criado por José de Alencar está longe de ser aquele que vivia nas matas brasileiras e que ainda não tinha visto o homem branco, pois o pajé da tribo Tabajara, pai de Iracema, foi receptivo e hospitaleiro com estrangeiro português, Martim, que apoiava a tribo rival, potiguaras: "O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão" (ALENCAR, 1959, p. 7-8) e "[...] mas o hóspede de Tupã é sagrado; ninguém o ofenderá" (ALENCAR, 1959, p. 23). Isso se explica pelo fato de Martim representar metaforicamente a Europa colonizadora e os índios como personagens submissos ao colonizador. Talvez essa não seja a intenção de José de Alencar no livro, mas podemos tirar essas conclusões, pois o pajé, sua tribo e Iracema metaforicamente podem simbolizar o Brasil, os quais, em sua maioria se atraem por Martim, que simboliza o português colonizador. Assim, podemos perceber que, levando em consideração o objetivo do Romantismo de retratar o nacionalismo e sua libertação dos colonizadores portugueses depois da independência do Brasil, essa metáfora do índio e colonizador na obra de José de Alencar ganha maior envergadura, fundamentando-se.

Em contrapartida, ao tomarmos a obra de Rafael Montenegro, *As Crônicas de Pindorama*, percebemos que os índios e caboclos, filho de índios com outras nações, não são idealizados, e em alguns casos mal visto: "sempre que me encontrava me batia, pelo fato de que eu sou caboclo. Mas ele também era! Odiava negros e índios [...]" (MONTENEGRO, 2015, p. 91). No entanto, os índios

são descritos em alguns casos como guerreiros, mas não há na história um idealismo ao descrevê-los: “Apuama, a onça-pintada de Iaci, ia na frente, seguida de perto pela jovem guerreira[...]” (MONTENEGRO, 2015, p. 145), como podemos ver também nesse trecho: “O cacique Pirajibe [...] era um verdadeiro gigante, até mais alto do que Uke e com braços mais grossos do que os braços do africano.” (MONTENEGRO, 2015, p. 153). O detalhamento do personagem não traz metáforas ou idealização do personagem, mas, sim, uma descrição simples com comparações claras e corriqueiras.

Ademais, Rafael Montenegro, em relação a José de Alencar, possui abordagens e ângulos diferentes para narrar sobre os mesmos personagens indígenas, quando, por exemplo, faz suas descrições sobre a receptividade dos índios, pois o Cacique Pirajibe ao receber Annabel Dias, menina portuguesa e protagonista da narrativa, e seus amigos na aldeia tabajara, não foi tão bondoso, isso porque, Annabel na reunião com o Cacique na oca busca o convencer a convocar os exércitos a enfrentar Jurupari, o deus da escuridão, mas, Pirajibe diante da menina, que tinha palavras secas e afrontosas, a encarou com uma expressão furiosa e disse:

– Não irei discutir com uma criança. O cacique continuou – Vamos, saia daqui e leve meu irmão e minha filha juntos, que eu não quero mais ver a cara deles hoje. Se assim desejares, podes ficar na aldeia com teus amigos. Providenciarei comida e uma boa cama para vós. Se não quiseres, estão livres para ir embora e nunca mais voltar. (MONTENEGRO, 2015, p.155).

Percebemos com esse trecho que o cacique Pirajibe estava diante de estranhos trazidos por seu irmão e filha exilados, seria incoerente ele os receberem de maneira amigável, isso é retratado na obra contemporânea que tomaria outros rumos se estivesse sido escrita no Romantismo, por exemplo. Portanto, a obra de Rafael Montenegro tem uma maneira de descrever a ação do Cacique diferente da tomada pelo Pajé do livro *Iracema* de José de Alencar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa mediante a análise comparativa das obras supracitadas, é perceptível como a figura do índio é descrita de maneira singular pelos autores. Dessa forma, ao analisar *Iracema*, observamos a maneira ímpar que José de Alencar apresenta a figura do índio, com características típicas do Romantismo: exagero na descrição dos sentimentos e o índio idealizado e visto como herói nacional. Outra questão retratada é a religião cristã que Alencar ressalta na obra, detalhando à sua instituição com intuito de substituir a religião tupi, catequisando os índios e apresentando a religião monoteísta como única e verdadeira.

Por sua vez, ao analisar *As crônicas de Pindorama: Piná e o despertar da escuridão*, notamos as diferenças na forma que Rafael Montenegro apresenta o índio, que não é idealizado e nem admirado. De maneira clara, é evidenciado, nessa narrativa, que o foco principal é o desenrolar de uma trama que gira em volta dos deuses da religião tupi, mostrando o poder atribuído a esses deuses que caminham entre os homens. Dessa forma, o autor enfatiza as crenças e exalta a cultura indígena.

Em suma, podemos compreender que uma mesma temática abordada em obras diferentes, apresentam características singulares e diversificadas que podem ser identificadas na análise, considerando a visão que os autores têm sobre o assunto, assim como, o contexto histórico que cada autor estar. Foi o que podemos presenciar por meio da análise da figura do índio em *Iracema* do autor José de Alencar, grande representante do Romantismo no Brasil, e em *As crônicas de Pindorama: Piná o despertar da escuridão* escrita por Rafael Montenegro, que apresenta características de uma obra contemporânea

5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. M. **Iracema**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

BRANDINO, L. **Iracema**. Brasil Escola. Disponível em:
<<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/iracema.htm>>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

CAVALCANTI, C. Sistematização da Literatura Contemporânea. **Cadernos do CNLF (CIFEFIL)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1217-1230, 2017.

CARVALHAL, T. F. Literatura Comparada: estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, [v. 1, n. 1, p. 09-21, 1991](#).

MONTENEGRO, R.B. **Crônicas de Pindorama: Pinar e o despertar da escuridão**. João Pessoa: mídia Gráfia e Editora, 2015.

PIANHERI, Denise Jarcovis. **O que é a Literatura comparada**. Campus virtual Cruzeiro do Sul. 2010. Disponível em:
<https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2010/2sem_2010/mat_grad_litcom/unidade1/texto_teorico.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2020.